

FICÇÕES DE LUSO-DESCENDENTES e IDENTIDADES HÍBRIDAS*

Ana Paula Coutinho Mendes
Universidade do Porto

*— I am my pride, I am my shame, I am myself,
Secretly realizing only parts and combinations
are all I'll ever know.*

Nelson Vieira

1. Da emergência e da fluidez de um *corpus*

>>

Nos últimos anos, o discurso social e político em Portugal tem vindo a incorporar progressivamente a designação de luso-descendentes para agrupar, mobilizar e promover (pelo menos sazonalmente) não só os que, na sequência da emigração ou da diáspora portuguesas, nasceram e residem no estrangeiro, como também aqueles que — porventura com nacionalidade estrangeira ou com dupla nacionalidade — vieram instalar-se no país dos seus progenitores. Esta mesma constatação leva-nos a admitir que a expressão “luso-descendentes” é assaz fluida, pois nela se podem englobar situações bastante díspares tanto do ponto de vista biográfico como a nível geocultural: desde aqueles que, tendo nascido em solo estrangeiro, têm um ou mais parentes de primeiro grau de nacionalidade portuguesa (o que, por si só, pode já significar que esses parentes podem ter nascido e/ou vivido em ex-colónias portuguesas, tanto em África como na Ásia), ou mesmo os que, em ramos mais recuados da sua árvore genealógica, contam com antepassados lusos, até àqueles que, poderão porventura ter nascido em Portugal mas que, muito cedo, foram residir para o estrangeiro, normalmente na senda dos mais variados rumos migratórios dos respectivos progenitores, não esquecendo ainda os que, depois dessa vivência fora de Portugal, vieram instalar-se entre nós, por regresso dos familiares ou por moto próprio.

Para designar indivíduos e autores com enquadramentos biográficos e culturais semelhantes aos referidos, estudos há que, no âmbito da sociologia e/ou da chamada "literatura étnica", têm utilizado as designações de "e/imigrantes de 2ª e 3ª geração", remetendo conseqüentemente para uma chamada "literatura de e/imigração de 2ª geração" ou literatura de "emigração indireta". Ora, a meu ver, estas designações não escondem o desajuste terminológico relativamente a muito do tecido social contemporâneo, pois, no caso preciso dos luso-descendentes, por norma, estes já não são ou legalmente ou, pelo menos, experiencial e emotivamente emigrantes/imigrantes, como o foram os seus progenitores ou outros antepassados. Poder-nos-emos até interrogar se essa associação ao fenómeno de e/imigração não decorrerá por vezes — ainda que subliminar ou involuntariamente — de algumas posições ideológicas marcadas por denegação, mais precisamente por um "racismo sem raças" que, como denunciou Etienne Balibar, se centra num "complexo da imigração", já não tanto sustentado numa hereditariedade biológica, mas na irreduzibilidade das diferenças culturais (Balibar, 1988: 32-33). Por outras palavras, será de ter em conta que em determinadas sociedades, a designação de "imigrantes" (ou de emigrantes, sempre consoante o ângulo de observação ou de julgamento) tornou-se um recurso de tipologia racista, tanto mais incompreensível e paradoxal quanto, muitas vezes, se reporta a indivíduos que não são efectivamente migrantes e que, no entanto, parecem ser denunciados (marginalizados) como um corpo simultaneamente estranho e estrangeiro. O co-autor de *Race Nation Classe — Les Identités Ambigües* vai ao ponto de dizer ser legítimo suspeitar que a obsessão pela ideia de nação pluriétnica ou multicultural, numa sociedade como a francesa (mas que não será caso único — permito-me acrescentar), esteja ligada a formas de discriminação ou de resistência às suas transformações sociais, em vez de representar um processo de reconhecimento das suas diferenças integrantes ou do seu hibridismo intrínseco (Balibar, 1988: 297).

Por sua vez, a noção de "literatura étnica", aparentemente-

te funcional e muito vendável em algumas esferas culturais como, acontece por excelência nos Estados Unidos,¹ não deixa de subentender objectivos sociopolíticos ambíguos quando permite que se perpetue uma hierarquização de fundo colonialista sob o manto da identificação de particularismos mais ou menos exóticos. Paralelamente, coloca também alguns problemas de carácter epistemológico, dado que essa forma de identificação por enclaves parece partir da ideia de culturas como entidades estáticas, homogéneas e objectiváveis (Vinsonneau, 2002: 52). Por isso mesmo, julgo preferível evitar esse “rótulo” de “literatura étnica” para designar os textos literários escritos por luso-descendentes, e esta posição poderá ainda ser apoiada pelo facto, não negligenciável, de algumas obras de autores luso-descendentes não incluírem quaisquer referências associáveis, à partida, à cultura da vasta e heterogénea comunidade portuguesa.² Por outro lado, quando essas referências existem, o seu significado não me parece esgotar-se num processo de expressão e de legitimação ligado exclusivamente a uma minoria étnica, mas prenunciar também uma outra forma de conceber as questões identitárias, não as encarando como identidades plenas e estanques, mas trabalhando-as mediante processos de identificação cultural.

Quando no âmbito do nosso projecto “Literatura e Identidades” e na linha das “Representações do Outro”, me propus estudar a ficção de autores luso-descendentes, quis precisamente abordar um *corpus* (e algumas das questões que lhe estão associadas) que começava então – isto é, nos derradeiros anos do século XX – a ser introduzido no campo literário português, em especial graças à tradução dos dois romances da americana Katherine Vaz (1998, 1999), que acabaram por coincidir no tempo com a tradução do primeiro romance da canadiana Erika de Vasconcelos (1998), por seguir de perto a tradução de um romance da francesa Brigitte Paulino-Neto (1995) e ainda um outro da portuguesa há muito radicada em França – Alice Machado (1999).³

Relativamente a essas obras, aquilo que começou por me interpelar foi o facto de se estar perante autoras que, não sendo o que se pode chamar e/imigrantes (mesmo se, curiosamente, a recepção crítica a nível da imprensa – no estrangeiro como em Portugal – muitas vezes as designe como tal...), representam sempre de certo modo o Outro estrangeiro, quer no País em que vivem e na língua em que escrevem, quer em Portugal.⁴ Aqui podem decorrer alguns princípios para aquilo que, nesta fase do estudo, se considerará como literatura de luso-descendentes: textos com propriedade literária cujos autores não só têm ligações biográficas com Portugal, como residem num espaço geográfico e cultural sem relações privilegiadas com o nosso país e ainda que começam por publicar no estrangeiro, escrevendo numa outra língua que não o português. (Notar-se-á, pois, que por razões operatórias, se excluem de momento os luso-descendentes ligados ao ex-império colonial português, nomeadamente aqueles que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

Não pretendendo de modo algum arrogar uma tipologia de partida, seja ostracizante, seja valorizadora ou laudatória, falar de literatura de luso-descendentes visa, antes de mais, distingui-la (ainda que também operatoricamente, porquanto são inevitáveis algumas relações) daquelas que se costumam chamar "literatura de emigração" ou mesmo "literatura da diáspora portuguesa", o que, não raro, corresponde a obras escritas por quem circunstancialmente reside no estrangeiro, mas que tendencialmente publica em Portugal e em português.

Parece-me, de facto, importante acompanhar a emergência de um "corpus literário" que, embora decorra ainda da nossa condição de país emigrante (e particularmente das vagas de emigração de meados do século XX), aponta para um outro nível de integração económica e social nos países de acolhimento (em especial na América do Norte e na Europa), assim como indicia uma dinâmica cultural que pressupõe já um trabalho a nível de formas simbólicas ou, seja, uma transfiguração estética não ape-

nas, ou essencialmente, da experiência de migração, mas também e sobretudo da **dupla pertença**, independentemente de quaisquer contornos legais, isto é, de uma identidade oficial. Quer isto dizer que não está em causa discutir a nacionalidade dos autores ou a integração do seu trabalho literário no contexto de uma dada literatura. Aliás, um dos aspectos mais interessantes destes casos de duplicidade é precisamente o de contribuir para questionar e rever as noções de identidade nacional, cultural e literária, em relação às quais, por razões tanto empíricas como epistemológicas, cada vez menos podem sustentar-se pretensões de unidade e de homogeneidade.

>>

Não obstante, importa desde já realçar que, na medida em que se enredam em processos de identificação social e cultural, as obras de luso-descendentes aqui em análise, contribuem para um imaginário de comunidade por construção discursiva como as já tão citadas “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson. Nesse sentido, julgo poder avançar a hipótese de que existe nesse “efeito de comunidade” o prenúncio de um novo modo de assimilação ou integração em sociedades multiculturais por parte de alguns luso-descendentes que buscam, mediante um processo intencional de construção simbólica, uma identidade cultural que possa ser sinal de valorização da singularidade na relação (Meyer-Bisch, 2002: 286), em vez de limitar-se a um registo residual, e em circuito fechado, de algumas particularidades.

2. Narrativa, Identidade e Interculturação

Se bem que o facto de me concentrar na análise de textos narrativos tenha começado por estar ligado à circunstância da publicação quase simultânea de romances das autoras já referidas, logo se tornou numa equação a explorar, seguindo a convicção de que a linguagem do romance (ou do texto narrativo em geral) é particularmente adequada para modelar esse

“âmago imaterial do humano” inerente a toda a construção identitária (Bockmeir/ Carbaugh, 2001: 37), a qual, por sua vez, é um processo sempre em aberto. Por outras palavras: quer o dialogismo discursivo, quer especificamente o hibridismo romanesco tão sublinhado por Bakhtine (1978) são já, por definição, orientações literariamente organizadas que potenciam versões de identidade iminentemente diferenciais.

É claro que as questões identitárias para os autores luso-descendentes podem já colocar-se a montante do trabalho literário, dado que eles próprios se reconhecem (ou são reconhecidos) como uma espécie de terceiro tipo de ser (ou de cidadão): não são completamente o mesmo (ou seja, nacional – na sua (im)provável pureza), nem são o Outro (no sentido do estrangeiro). Apesar dos constrangimentos legais que muitas vezes forçam a escolha de uma ou outra nacionalidade, existe na maior parte dos luso-descendentes uma clara recusa de opção de uma identidade exclusiva que pressuponha categorias estanques, como aliás, acontece com a generalidade dos descendentes das migrações (Vinsonneau, 2002: 110). Se por vezes, essa duplicidade pode favorecer um certo mal-estar decorrente de uma sensação de *deficit* em termos de auto ou hetero-reconhecimento identitários (não chegar a ver-se / ou ser visto nem como isto nem como aquilo), casos há em que a mesma circunstância é curiosamente revertida numa mais-valia ou numa oportunidade daquilo a que se poderá chamar uma **identidade superlativa**. Retenha-se a propósito o que anota, através da auto-ficção do tradutor, Carlos Batista, luso-descendente nascido e residente em França, onde tem, entre outros, traduzido a obra de António Lobo Antunes:

A la question: “ Vous sentez-vous davantage français ou portugais? ” Il répondait: “Je me sens 100% portugais et 100% français: j'existe à 200%! J'ai une langue maternelle et une langue paternelle.” (Batista, 29)⁵

Por conseguinte, inevitavelmente enraizada em determinadas sensações, vivências e tensões, a escrita ficcional dos luso-descendentes revela ser, à partida, um domínio privilegiado de trabalho sobre (ou em torno de) questões identitárias, passando estas, também em princípio, pela abordagem da identidade genética e cultural dos progenitores, na medida em que esse será sempre, consciente ou inconscientemente, um importante pólo de estruturação no processo de identidade pessoal, muito em particular para os migrantes ou descendentes de migrantes (Moro/Revah-Levy, 1998: 108). Convém, todavia, deixar claro que não se está aqui a defender uma visão determinista tanto mais discutível quanto falível do ponto de vista quer pessoal, quer artístico. Seria, por conseguinte, manifestamente redutor querer definir características da literatura de luso-descendentes a partir do património genético e socio-cultural dos seus autores, bem como querer fazê-la coincidir com uma mera função de porta-voz ou de estandarte de uma dada comunidade linguística e cultural. Este estudo e a perspectiva que lhe subjaz decorrem de outro ângulo – de cariz sobretudo indutivo: parte-se de um *corpus* preciso de narrativas de autoras luso-descendentes (adiante debruçar-me-ei sobre esta feminização) que, no domínio textual e paratextual, não escamoteiam as suas origens e, em vez de se demarcarem, à partida, por um estatuto ontológico específico e irredutível, situam-se (e são situadas) nos respectivos campos literários pela afirmação criativa de uma diferença.

Não por acaso estas autoras e obras surgem em finais do século XX, quando, como já se disse, começam a destacar-se em termos sociais as novas gerações descendentes das vagas de emigração de meados do século, gerações essas que protagonizam e/ou usufruem de uma nova atitude – o culto da diferença – sociopoliticamente reivindicada e heurísticamente explorada, em especial nas sociedades com maior índice de multiculturalidade. Essa tendência social vai começando já a mostrar repercussões a nível artístico, de modo que, ao contrário do que che-

>>

gou a acontecer no passado com outros luso-descendentes,⁶ alguns escritores procuram também expor e ver reconhecidas as especificidades culturais associadas às suas origens estrangeiras. Vem a propósito lembrar uma das personagens de Katherine Vaz, protagonista de uma das suas histórias reunidas em *Fado & Other Stories*, que surge justamente como o retrato ficcionado desta nova geração de luso-descendentes: trata-se de um jovem recém diplomado, de seu nome Dean, pois os pais – um açoreano e uma californiana descendente de italianos e alemães, tinham pretendido mascarar as suas origens estrangeiras de modo a que o seu filho não viesse a sofrer qualquer discriminação social. A narrativa na primeira pessoa em “My Hunt for King Sebastião”, além de revelar uma personagem manifestamente à deriva de enquadramento pessoal e social, identifica com bastante clarividência as perspectivas da sua geração, inclusive com uma significativa auto-ironia quanto ao significado e aos modos como surgem vividas e idealizadas as origens dos antepassados:

Nowadays people like to claim that they're the product – and I mean exactly that – of the land of their ancestors; it suggests ceremonies and royalty and flights of fancy, more glamorous than the shopping lists we make of our days. I'm like that myself. My parents wanted to be American, but people my age want to take the most exotic portion of their blood and paint themselves a character out of it. The problem is that we collect quick impressions and pretend that they're sensations we've collected (Vaz, 1997: 20)

Depois de enquadrada esta emergência da atracção pelas origens num contexto histórico global, com módulos sociais mas também com extensões a nível artístico, voltemos à relação entre narrativa e identidade: se, por um lado, não deixa de ser possível recuperar em poesia modos de expressão de questões identitárias ligadas a uma dupla pertença,⁷ parece ser inegável, por outro lado, que a narrativa ficcional favorece a sùmula ins-

tável entre fabulação e experiência (Ricœur, 1990: 191), desde logo porque acompanha o engendramento da dialéctica da personagem que é, como mostra Ricœur, uma dialéctica entre a mesmidade e a ipseidade (*idem*, 168). A operação narrativa é assim o modo e lugar de encenação de uma pluralidade ou tensionalidade que desencadeiam um conhecimento narrativo que não pode ser encarado como testemunhal, isto é, como um mero repositório de dados ou conhecimentos prévios, mas antes como criação de sentido (Brockmeir/ Carbaugh, 2001: 297), o que, em termos identitários, dá origem ao reconhecimento de uma identidade-*ipse*: aquela que implica e reconhece o Outro em si. >>

A identidade híbrida que está em jogo na ficção de luso-descendentes não deve, por isso, ser encarada apenas como resultante de um acaso biográfico da entidade autoral ou da caracterização de algumas personagens, mas reportada também (e sobretudo) a um terceiro modo de ser intimamente ligado à identidade narrativa, no âmbito da qual a ipseidade é trabalhada do interior pela alteridade.

No entanto, não pode também deixar de ser significativo em termos sociais e culturais que as autoras em apreço tenham aproveitado as suas raízes alienígenas para, logo com os seus romances de estreia, assumirem "estratégias identitárias" (Camilleri *et al.*, 1990) e um papel activo de interculturação,⁸ dando voz (ou forma de letra) a ecos da cultura que lhe foi sendo oralmente transmitida por aqueles que, tradicionalmente discretos em solo estrangeiro, foram muitas vezes apelidados de "comunidade silenciosa" ou de "invisível minoria" – uma designação empregue pela antropóloga luso-americana Esthelie Smith, para se referir aos portugueses nos EUA, mas passível de ser aplicada a outras comunidades de portugueses espalhadas pela Europa ou por outros pontos do globo.

Por isso mesmo, a introdução das obras destas luso-descendentes nos respectivos campos literários poderá ser um exemplo daquilo que Homi K. Bhabha designa como "hybrid

agencies” – agenciamentos híbridos que, pela abertura de espaços de negociação nas culturas nacionais, instauram uma dialéctica capaz de fazer emergir “visões de comunidade” e “versões de memória histórica” a partir da cultura parcial da minoria a que estão associados. E não está exactamente em causa, como também refere o autor de “Culture’s In-Between” associar ou antagonizar culturas, mas construir um discurso que revele “o exterior do interior”, a “parte no todo” de um dado espaço nacional.⁹

36>37

O facto de se estar perante um *corpus* literário que, longe de ser exaustivo, é significativa e exclusivamente feminino, não nos deve causar estranheza, muito pelo contrário. Poder-se-ia invocar explicações de ordem empírica que apontariam para a cada vez mais crescente valorização intelectual das mulheres (inclusive no seio das famílias migrantes), com resultados visíveis nos mais diferentes campos de afirmação sociocultural. Todavia, creio que, neste caso, a ligação entre mulheres e escrita não se prende exclusiva ou essencialmente a esse tipo de índices de análise social. Talvez o que mais pese aqui seja o facto de a tematização e problematização da identidade, em especial num contexto multicultural, poder ser particularmente recorrente na escrita de mulheres, por elas próprias viverem essa questão de uma forma mais íntima e intensa. Com efeito, e na medida em que surgem sempre posicionadas através do Outro, da alteridade, as mulheres têm à partida um conhecimento privilegiado, porque vivenciado, da condição de “exílio” em relação a uma identidade centralizada do sentido. Se é verdade que todos vivemos uma pós-modernidade marcada por diferentes formas de exílio, sendo este aliás uma condição imprescindível à escrita, como faz notar Julia Kristeva (1988), as mulheres têm por princípio uma especial sensibilidade para o ser des-centrado, para as vivências de indefinição, marginalização ou de mediação. Quando inseridas num contexto social em que, de alguma forma se encontram ligadas a uma minoria étnica ou minoria linguística e cultural, a sua linguagem come-

ça por estar marcada por um duplo silêncio ao ouvido da maioria, representando então uma espécie de “alteridade da alteridade” (Rivero, 1995). Romper esse duplo silêncio revela-se já como uma façanha múltipla, porquanto pressupõe dominar vários registos e linguagens, bem como superar os diferentes obstáculos que se colocam a quem busca um espaço de afirmação num circuito profundamente marcado por hierarquizações e por mais ou menos subtis discriminações. Daí que esta escrita de mulheres luso-descendentes, para além de uma abordagem sociológica ou hermenêutica individualizadas, mereça também ser encarada como uma manifestação efectiva de interculturalização, levada a cabo por agentes particularmente empenhados em construções identitárias. Embora (ou exactamente porque – notaria Bordieu¹⁰) já não esteja tanto em causa, para estas autoras, a integração na sociedade e cultura em que nasceram e/ou se movem, a sua participação sociocultural pressupõe e potencia a enunciação (se não mesmo reivindicação) de uma pertença, enquanto auto e hetero-reconhecimento de uma identidade plural intrínseca, em termos quer pessoais quer colectivos.

>>

3. Construtos ficcionais de identidades híbridas

Independentemente das diferenças existentes entre as quatro autoras, tanto a nível de construção narrativa como de imaginário, e salvaguardadas também as características distintas do campo literário em que cada uma se integra, sobretudo no que diz respeito à abertura institucionalizada ao pluralismo cultural e, em particular, às condições de afirmação de uma cultura de ascendência portuguesa,¹¹ é possível recuperar alguns traços comuns entre as suas obras que nos ajudam a caracterizar alguns modos de construção ficcional de identidades híbridas.

Assim, impõe-se notar, desde logo, que não estamos perante narrativas expressamente autobiográficas, apesar de três das quatro autoras recorrerem a elementos paratextuais

que acabam por cruzar o texto com circunstâncias familiares. Com efeito, tanto *Fado & Other Stories* de Katherine Vaz, como *My Darling Dead Ones* de Erika Vasconcelos, como ainda *Portugal, Années' 60: à L'Ombre des Montagnes Oubliées* e *La Vallée des Héros*, incluem dedicatórias aos respectivos parentes. Mas, à excepção do primeiro romance de Alice Machado que, na contracapa editorial, é apresentado como uma narrativa da juventude da própria autora (o próprio nome da protagonista favorece essa ligação), todas as outras narrativas se sustentam em personagens fictícias. Embora possam estar naturalmente subjacentes algumas personagens e acontecimentos verídicos, não pode deixar de ser relevante que as obras partam de um distanciamento entre a ficção e os testemunhos identitários de uma "história de vida". De resto, a sua componente memorial surge já significativamente associada à ideia de "histórias". Como ficções de ficções, são narrativas ou enunciações de enunciados herdados que perpetuam e fazem resistir um legado cultural que, por norma, foi transmitido às autoras em contexto familiar e no âmbito da comunidade portuguesa em que cresceram. Aliás, nas próprias dedicatórias já referidas, nota-se uma preponderância dos lados femininos da ascendência, de acordo com o papel que costuma ser o das mulheres, como transmissoras orais — em contextos privados — de histórias familiares ou outras. Assim, escreve Katherine Vaz, à entrada do já citado *Fado & Others Stories*:

For my mother, Elizabeth Sullivan Vaz, whose love of stories is at the center of my history, and for my father, August Mark Vaz, whose love of history regarding his Azorean heritage has led me to so many magical stories

Se o fundo de referências ficcionais começa por estar associado a uma esfera privada logo se cruza, em Katherine Vaz como nas outras autoras, com um património colectivo de histórias ligadas à História da cultura portuguesa (note-se, aliás, como "stories" e "history" surgem respectiva e significativa-

mente associadas a um legado maternal e a um legado paternal). Mesmo sem ser necessário invocar declarações das autoras exteriores às obras, é textualmente notório que existe a preocupação de cruzar as suas ficções com alguns daqueles epicentros identitários da comunidade lusófona, donde as sucessivas referências a nomes e factos da cultura portuguesa (os amores de Pedro e Inês, a paixão de Mariana Alcoforado; Fernando Pessoa; o Fado, o mito de D. Sebastião; Camões; a Rainha Santa Isabel; a presença de Portugal no Oriente...) que surgem, a pretexto de difusão cultural num contexto estrangeiro, como um modo de identificação individual e colectivo.

>>

Nos melhores momentos de construção ficcional, isto é, quando não parecem excursos algo forçados, as incursões ao passado surgem intimamente associadas ao desenvolvimento das próprias personagens, como acontece, por exemplo com a ficção biográfica de Mariana Alcoforado (Vaz, 1997),¹² ou com o tratamento ficcional que envolve o Dr. Hélio Gabriel Soares — uma das mais interessantes personagens de *Saudade* — um homem exilado, como se via a si próprio, ou exótico como outros o viam (Vaz, 1994: 127), que é levado a perceber que a clarificação da sua identidade pressupunha encarar corajosamente o seu passado de família ligada ao mar. Passa portanto a devorar os relatos dos seus antepassados, não propriamente como quem descobre uma versão exaltante e honrosa da história familiar e de um povo, mas como quem tem vergonha de ter vergonha, como quem não pode continuar a colocar-se à margem dessa “original infâmia” (*idem*, 130). É esta, sem dúvida, uma atitude curiosa porque manifesta um sentimento paradoxal de pertença e desprendimento (quando não repulsa) em relação às origens lusas. É uma ambiguidade como aquela que fica selada no título de Erika de Vasconcelos — *My Darling Dead Ones*, ou como aquela que surge em algumas das situações narradas no último romance de Brigitte Paulino-Neto — *Jaime Baltazar Barbosa* (2003), nomeadamente quando a narradora — declaradamente luso-descendente — fica perturbada por ver

surgir os olhos da mãe no rosto do irmão, uma vez que o encontra na Embaixada de Portugal em Tóquio. Embora tanto um como outro possam ter procurado escapar, como reconhece, a essa filiação em nome de uma "étrangeté capable de brouiller les pistes", a verdade é que ela resistira como uma tatuagem, como uma "marca absurda", por um lado incapaz de restituir a ausência ou a perda dos progenitores, e por outro indelével (Paulino-Neto, 2003: 18). E dessa preocupação com as origens, já se podia ler o seguinte, pela voz de um discernimento final do narrador e protagonista de *La Mélancolie du Géographe*:

40>41

(...) peut-être, ce trop grand souci des origines portait, d'emblée, l'infamie, comme il porte à ce sentiment de honte, dont j'ai dit qu'il supposait, pour s'en défaire, une mise à nu de ce désir d'infamie, en même temps qu'une mise à nu de sa répulsion: de ce qui est, là, toujours tapi dans le fait d'être, partout, étranger à soi-même. (Paulino-Neto, 1994: 219)

Se, por vezes, existem sentimentos contraditórios relativamente aos elos familiares, ou até mesmo a sensação de uma íntima e ubíqua estranheza, importa todavia notar que os lusodescendentes representados nas ficções são, de um modo ou outro, seres que, através da(s) memória(s), reagem aos perigos interiores e exteriores de desintegração ou de dissolução. Em termos de construção ficcional, as memórias surgem como enxertos, actos de transplantação, que se recuperam para vir brotar em corpos novos, em línguas distintas. Compreende-se, pois, que não se trata apenas de desbravar as origens, mas também e sobretudo de dar origem a uma nova ordem, à imagem daquela por que anseia Hélio Gabriel Soares nas suas mais estranhas e ousadas experiências de enxertador,¹³ o que, a nível metadiscursivo, não poderá deixar de ser interpretado como uma metáfora narrativa, com uma incidência identitária.

Enquadra-se também, e por excelência, nesses actos de inseminação a utilização mais ou menos frequente de palavras e/ou expressões em português que, a maior parte das vezes

remetem para registos familiares ou regionais, uma vez que a língua portuguesa para estas autoras permanece definitivamente como língua da infância e dos afectos a ela ligados. Não raro, essas palavras conservadas em português servem para dar conta e desfrutar das diferenças linguísticas, num confronto iminentemente comparatista, ou seja, para relevar os matizes de sensações que essas diferenças potenciam junto daqueles que vivem numa língua atravessada por outra. A este título, permito-me remeter em especial para o texto de Brigitte Paulino-Neto “Túmulo de Faustina de Sousa Amen – Grand-Quevilly 1929 – Loulé 1999) – o único que a autora escreveu directamente em português – e que, para lá das incidências de teor biográfico, tem não só o interesse de reflectir emotivamente sobre o repúdio pela “língua materna”, de “doçura perigosa de marmelo” (Paulino-Neto, 1999: 29), como a curiosa particularidade de fazer coincidir a morte da figura materna com a consciência linguística de um estado de duplicidade ou de divisão. Para a narradora-autora, “orfã” passa a ser também “or fin” – uma homofonia que ela recebe como “uma mensagem em forma de benção” (*idem*, 31). Em termos simbólicos, esta orfandade deixa, pois, de ser apenas uma perda, para se tornar também uma prenda – a da língua portuguesa – que sendo para a narradora uma língua sua “só por empréstimo”, é para ser “aproveitada, usada, gasta” (*ibidem*). Também a morte da mãe marca, significativamente, o início da fala para Clara – a protagonista do romance de Katherine Vaz – *Saudade*. Nascida surda-muda na Ilha Terceira, e até à chegada a Lodi, na Califórnia – o Novo Mundo – “terra de palavras novas” (Vaz, 1994: 54) – Clara estivera limitada a curiosas linguagens alternativas e de cunho mais universal, como a das cores, a da vibração das conchas ou a das figuras de açúcar. Uma particular sensibilidade sinestésica que a personagem, de quem se diz estar “entre dois mundos”, não abandonará completamente, mesmo depois de encontrada a sua própria voz, na violência e no sofrimento de um momento-chave de separação, como se de um novo nascimento se tratasse.¹⁴

>>

Ainda em termos de ficções identitárias, não pode deixar de ser relevante que a maioria das personagens das obras em análise nos sejam apresentadas como seres deslocados, frequentemente em movimento. Seja por emigração (*Saudade*) ou por exílio (*Between the Stillness and the Grove*), seja por viagens no interior do mesmo país (*La Mélancolie du Géographe*), com destinos precisos, ou por mera errância, na mira de um encontro consigo mesmo ou com os outros (*My Darling Dead Ones*), seja ainda viagens iniciáticas (*vide* *La Vallée des Héros*) em busca ou reencontro com as origens (*vide* Clara no final de *Saudade*). No quadro dessas deslocações, sobressai aquela que se faz no sentido inverso ao da emigração: já não se trata tanto da evocação da partida das terras portuguesas para solo estrangeiro, mas acompanha-se o movimento de personagens relativamente às quais nem sempre se pode falar em regresso, porque na realidade são antes visitas exploratórias à terra que é ambigualmente sentida e desejada como também sua.

Se bem que esse movimento de seres acabe por deslocar as relações entre centro e periferias, operando novas e simbólicas reconfigurações topográficas com repercussões identitárias, é no próprio hibridismo narrativo, nos seus efeitos de descentramento e de polifonia, que a permanente relação entre identidade e alteridade mais se actualiza. Assim, é de notar que a maioria das narrativas destas autoras vão sendo construídas mediante diferentes vozes, perspectivas e discursos. Em *My Darling Dead Ones*, a narração vai alternando entre a primeira e a terceira pessoas e acompanhando os diferentes tempos e espaços de três gerações de mulheres interligadas entre si.

Brigitte Paulino-Neto, para além de recorrer também a diferentes perspectivas, joga ainda com a dramatização do sujeito, através da simbólica figura do duplo enquanto o "outro" do "eu": Morgado para o geógrafo (ou vice versa...) em *La Mélancolie du Géographe*; a prima Ana para a narradora de *Jaime Baltazar Barbosa*.

Por sua vez, no discurso narrativo de Katherine Vaz

sobressaem também as variações de focalização e, sobretudo, os registos que fazem alternar passagens de uma grande intensidade poética com momentos de fecundante reconstituição histórica (*vide Mariana*), de registo lendário ou de fundação mitológica (*vide* início dos “Livros” em *Saudade*), de experimentação de linguagens outras (*vide* “Math Bending Unto Angels” in *Fado & Other Stories*) ou de grande vivacidade de diálogos, numa evocação de universos familiares e coloquiais.

Em qualquer dos casos, nota-se que a hibridez do próprio discurso vai acompanhando nestas autoras uma busca de maturidade e versatilidade em termos de consciência de construção narrativa e do(s) processo(s) identitário(s) que lhe subjaz(em). >>

Por aquilo que aqui fica apontado, seria prematuro querer tirar grandes conclusões sobre a literatura de luso-descendentes, encarada como conjunto e não exactamente, repito, como uma categoria em si-mesma. Julgo, no entanto, que será cada vez mais necessário considerar este domínio como módulo integrante, por um lado, da identidade cultural portuguesa, por outro e consoante os casos da identidade cultural americana, francesa, canadiana ou outras.

A relação das novas gerações biograficamente ligadas à diáspora portuguesa com a cultura dos seus ascendentes já quase não se faz através da língua de Camões ou de Pessoa,¹⁵ pese tudo aquilo que possam ser as fortes convicções da ligação íntima entre língua e cultura e, pese ainda – sublinho – aquilo que devem continuar a ser cada vez mais as nossas estratégias e iniciativas no âmbito da implementação, valorização (ou da resistência...) da língua portuguesa no estrangeiro. Ora, perante este cenário, as mediações culturais de luso descendentes, ainda que, à partida, numa língua estrangeira – não podem ser sumariamente julgadas como sinal agónico e degenerado de uma cultura, porquanto representam a interpenetração cultural, feita sob o signo da hibridez que “nunca é simplesmente

uma questão de mescla de identidades ou essências dadas de antemão” (Bhabha, 2001: 562).

Assim, mais do que identidades hifenadas – isso fica no plano do legal ou do oficial, onde menos se vivem as fecundações e as tensões – as identidades híbridas representadas por autores luso-descendentes enunciam e prenunciam realidades intencionais que, além de questionarem qualquer metáfora progressista da coesão social moderna (Bhabha, 201: 537), e implicarem cada vez mais contextos globais de negociação na complexa estrutura dos espaços culturais em rede, continuam aquele que é fundamentalmente o grande desafio antropológico da Literatura: manter em aberto a configuração do humano. <<

NOTAS

* Este estudo foi elaborado no âmbito do projecto "Literatura e Identidades", do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI), do Quadro de Apoio III.

[1] Há toda uma bibliografia recente que – com auto-ironia ou sem ela – não deixa margem para dúvidas da ligação das questões de identidade étnica à lógica de mercado: *Vide* a título de exemplo: Marilyn Halter, *Shopping for Identity: The Marketing of Ethnicity* (Hardcover, 2000); Marye C. Tharp, *Marketing and Consumer Identity in Multicultural America* (Sage Publication, 2001).

[2] São exemplo disso, para além de algumas outras obras das autoras aqui visadas (ex. *La Couleur de l'Absence*, de Alice Machado ou *La Connaissance de la Fleur*, de Brigitte Paulino-Neto), os romances de Luís de Miranda (*La Mémoire de Ruben*; *Le Spray*), um escritor também de ascendência portuguesa, residente em França.

[3] Sobre os significados da introdução de Alice Machado e Brigitte Paulino-Neto no nosso sistema literário através da tradução, *vide* Mendes, 2002: 289-304.

[4] É curioso notar que a própria binacionalidade oficial não resolve a maior parte das vezes este estatuto de "estrangeiro", se não mesmo de "inexistente". Por exemplo, tanto a França como Portugal continuam a não incluir nas suas estatísticas nacionais os cidadãos de dupla-nacionalidade, como oportunamente assinalou Jean Lamy em "Des Français au Portugal" (*Lusotopie*, 2000: 59-66).

[5] Concorre para este mesmo sentido de uma identidade superlativa o testemunho do poeta citado em epígrafe – Nelson Vieira – professor luso-americano e co-fundador do Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown –, reportado por Graça Capinha in "Literatura e Emigração: Poetas Emigrantes nos Estados de Massachusetts e Rhode Island" (Capinha, 1993: 541).

[6] Como foi o caso de John dos Passos filho que, por vezes, terá traduzido o seu nome para "Johnnie Walker" de modo a escamotear as suas raízes madeirenses (*vide* Monteiro, 1997: 14).

[7] Como de resto Graça Capinha notou no estudo que elaborou sobre poetas emigrantes nos Estados Unidos de Massachusetts e Rhode Island (Capinha, 1993). Sobre este assunto, veja-se também a documentada comunicação com que George Monteiro participou num Congresso promovido pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa – "Portuguese-American Poetry in the United States: From Emma Lazarus to Frank Gaspar", consultável em www.fsch.unl.pt/congressoceanp/george-monteiro.doc. Por seu turno, António Cravo na Antologia Poética Bilingue que co-organizou, intitulada *Vozes dos Emigrantes em França*, faz mesmo questão de deixar registado e destacado no final que "As literaturas das Etnias começaram sempre pelas poesias" (Cravo/ Heitor, 1960/1982: 235).

[8] Este termo, contrapondo-se ao de "aculturação" que está muito marcado por ideologias e concepções assimétricas das relações entre culturas, apresenta a vantagem, como assinala Geneviève Vinsonneau (2002: 52), de não só pressupor a existência da identidade e da alteridade, como também de vincar uma dinâmica aberta, enquadrável naquilo que Camilleri designa como "cultura-processo", onde se destaca

>>

o papel da literatura enquanto promotora da dimensão multicultural das sociedades.

[9] "Hybrid agencies find their voice in a dialectic that does not seek cultural supremacy or sovereignty. They deploy the partial culture from which they emerge to construct visions of community, and versions of historic memory, that give narrative form to the minority positions they occupy; the outside of the inside; the part in the whole" (Bhabha, 1996: 58).

[10] Muito antes da sua conhecida teoria do campo literário, o autor de "Champ intellectuel et projet créateur" defendeu que qualquer tipo de interferência exterior no campo intelectual é sempre refractada pela própria estrutura do campo intelectual e, nesse sentido, consoante a posição que um dado intelectual ocupa nesse campo, sentir-se-á autorizado a reivindicar a classe de origem ou de pertença, ou, pelo contrário, a repudiá-la ou a escondê-la (Bourdieu, 1966: 905).

46>47

[11] Nesse sentido, é claramente privilegiada a situação da América do Norte (Canadá, pois, incluído), onde mais cedo, de uma forma mais organizada e conseqüente se desenvolveu um movimento de renovação dos chamados laços étnicos no âmbito do pluralismo cultural. Sobre as dinâmicas culturais (e especificamente literárias) da comunidade portuguesa e luso-americana na América do Norte, têm-se particular e sistematicamente debruçado (como também para elas contribuído) Onésimo Teotónio Almeida, George Monteiro e Vamberto Freitas, entre outros.

Distinta é a situação de Brigitte Paulino-Neto e Alice Machado, porquanto se movem num campo literário tradicionalmente mais centralista, muitas vezes acusado de umbilicalismo, quando não mesmo de alguma xenofobia. A comunidade portuguesa em França, ligada também ela, e essencialmente, a uma emigração económica, com escassa escolaridade, não favoreceu durante muito tempo a emergência de uma cultura luso-francesa. Esta tem, contudo, começado a dar, nos últimos anos, os primeiros sinais em diferentes domínios artísticos.

[12] Sobre esta biografia fictícia debruçei-me em " Katherine Vaz e a re-inscrição de Mariana Alcoforado na História Literária", *Homenagem a Margarida Rosa* (no prelo).

[13] "He hoped to develop, among other things, tomatoes that would grow in pods, to keep them safe from being crushed or split. Peaches in a rubber tree would be nice, so that the fruit would bounce and not bruise when it fell. His most fervent desire as a grafter was to fuse separate species so truly that the parts would not only entwine but meld into a fresh order" (Vaz, 1994: 123).

[14] "Clara was frantic – she had seen the mouth in spasms but had not kissed it properly! Her mother had never gone on ahead – not anywhere – without her! (...) She found her voice.

Mouth a jagged black world.

She released a sound enormous and sharp-edged.

Her cry burst so unnaturally past tissue that had been determined to stay inviolate that her ears were startled into turning a violent red, and she slapped her face, trying to put out the flames that had risen to its surface. Her cries came out in long streams and drove birds from the trees. (...) It was the bellowing protest Clara had refused to give at birth like everyone else" (Vaz, 1994: 47).

[15] A este respeito, leiam-se os testemunhos de Graça Capinha (1992, 528) e de Onésimo Teotónio Pereira, em especial numa das suas "Dia-Crónicas" para a revista *Ler*, no seu nº 42 (Primavera/Verão 1998), pp.123-124.

BIBLIOGRAFIA √

Balibar, Etienne/ Immanuel Wallerstein (1988), *Race, Nation, Classe – Les Identités Ambigües*, Paris, Éditions de la Découverte.

Bakhtine, Mikail (1978), *Esthétique du Roman et Théorie du Roman*, Paris, Tel/Gallimard.

Batista, Carlos (2003), *Bréviaire d'un Traducteur*, Paris, Arlea.

Bhabha, Homi K. (1996), "Culture's In-Between", *Questions of Cultural Identity*, Stuart Hall and Paul du Gay (eds.), London, Sage Publications, pp.53-60.

-- (2001), "Disseminação: Tempo, Narrativa e as Margens da Nação Moderna", *Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada* (Org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão), Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 533-569. >>

Brockmeier, Jens/ Carbaugh, Donald (ed), *Narrative and Identity. Studies in Autobiography, Self and Culture*, Amsterdam/Philadelphia, Johns Benjamins Publishing Company, 2001.

Camilleri, C. et alii (1990), *Stratégies identitaires*, Paris, PUF.

Capinha, Graça (1993), "Literatura e Emigração: Poetas emigrantes nos Estados Unidos de Massachusetts e Rhode Island", Portugal: Um Retrato Singular, pp. 515-554.

Cravo, António/ Rebelo Heitor(s/d), *Vozes dos Emigrantes em França – Antologia Poética Bilingue Anos 1960/1982*.

Kristeva, Julia (1988), *Étrangers à nous-mêmes*, Paris, Gallimard.

Lamy, Jean (2000), "Des Français au Portugal", *Lusotopie*, pp. 59-66.

Machado, Alice (1991), *Portugal Années '60: À l'Ombre des Montagnes Oubliées*, Paris, Éditions Entente.

-- (1996), *La Vallée des Héros*, Éditions Fernand Lanore.

-- (1999), *O Vale dos Heróis*, trad. de Isabel Veríssimo, Lisboa, Publicações Europa-América.

Mendes, Ana Paula Coutinho (2002), "Das narrações que (também) nos fazem: O imaginário de duas escritoras luso-descendentes traduzidas em Portugal", *Deste lado do Espelho – Estudos de Tradução em Portugal*, Alexandra Lopes e Maria do Carmo Correia de Oliveira (orgs.), Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 289-304.

Meyer-Bisch, Patrice (2002) "Quatre dialectiques pour une identité", *Comprendre les identités culturelles* (sous la direction de Will Kymlicka et Sylvie Mesure), Paris, PUF.

Monteiro, George (1997), "Persons, Poemas, and Other Things Portuguese in American Literature", *Cávea-Brown*, vols. XVII-XVIII, Jan.1996-Dec. 1997, pp. 3-24.

-- "Portuguese-American Poetry in the United States: From Emma Lazarus to Frank Gaspar", www.fsch.unl.pt/congressoaceap/george-monteiro.doc

Moro, Marie-Rose/ Revah-Levy, Anne (1998), "Soi-même dans l'exil – Les figures de l'altérité dans un dispositif psychothérapeutique", *Différence Culturelle et Souffrances de l'Identité*, Paris, Dunod, pp.131-152.

48>49

Paulino-Neto, Brigitte (1994), *La Mélancolie du Géographe*, Paris, Grasset & Fasquelle

-- (1995), *A Melancolia do Geógrafo*, trad. de Lurdes Júdice, Porto, Edições Asa.

-- (2000), "Túmulo de Faustina de Sousa Amen – Grand –Quevilly 1929 – Loulé 1999", *Um País de Longíquas Fronteiras*, Câmara Municipal da Guarda, pp.27-31.

-- (2003), *Jaime Baltazar Barbosa*, Paris, Verticales.

Pereira, Onésimo Teotónio (1998), "Dia-crónicas", *Ler*, 42, Fundação Círculo de Leitores, Primavera/Verão 1998, pp.120-127.

Ricoeur, Paul (1990), *Soi-même comme un autre*, Seuil, Coll.Points-Essais.

Rivero, Eliana S. (1995), "The 'Others's Others': Chican Identity and its Textual Expression", in *Encountering the Others(s): Studies in Literature, History, and Culture*, New York, State University of New York Press, pp. 239-260.

Vasconcelos, Erika de (1997), *My Darling Dead Ones*, First Vintage Canada Edition.

-- (1998), *Meus Queridos Mortos*, trad. de João Francisco Carvalhais e Maria José Passos, Lisboa, Gradiva.

-- (2000), *Between the Stillness and the Grove*, Canada, Alfred A. Knopf.

Vaz, Katherine (1994), *Saudade*, New York, A Watt Book for St. Martin's Press.

-- (1997), *Mariana*, London, Flamingo.

-- (1997), *Fado & Other Stories*, University of Pittsburgh Press.

-- (1998), *Mariana*, trad. de José Luis Luna, Porto Edições Asa.

-- (1999), *Saudade*, trad. de Alberto Gomes, Porto, Edições Asa.

-- (2003), *Fado & Outras Histórias*, trad. de Isabel Alves, Porto, Edições Asa.

Vinsonneau, Geneviève (2002), *L'Identité Culturelle*, Paris, Armand Colin.

>>